Da resposta às catástrofes climáticas no Brasil às crises prolongadas no continente africano: um panorama da migração e do refúgio ao redor do mundo

De la respuesta a las catástrofes climáticas en Brasil a las crisis prolongadas en el continente africano: un panorama de la migración y el refugio en el mundo

From the climate catastrophe response in Brazil to protracted crisis in the African continent: an overview on migration and refuge around the world

Rafael Gomes França, Giacomo Giannelli, Júlia Moraes, Marina Sujkowski e Deisy de Freitas Lima Ventura

Resumo: Este informe, preparado pelo Grupo de Trabalho sobre Migrações, Refúgio e Saúde Global, propõe um panorama sobre as notícias mais recentes no tema da saúde, migração e refúgio em diversos territórios. Será abordada a questão da resposta a catástrofes climáticas no Brasil sob duas perspectivas: a atuação do ACNUR no acolhimento das pessoas deslocadas durante a emergência de Minas Gerais e a criação de um projeto de preparação e resposta à emergências no Rio Grande do Sul liderado pela OIM. Também será discutida uma atualização a respeito da atual crise no Oriente Médio e seus impactos sobre o fluxo de pessoas na região, em especial no Irã e no Líbano, que têm forçado o deslocamento de milhões de pessoas e colocado a infraestrutura essencial dos países afetados sob pressão com as demandas crescentes. Por fim, serão comentados dois cenários de crises prolongadas no continente africano: os congoleses refugiados no Burundi retornando a seus lares e o agravamento da situação humanitária do Sudão e do Sudão do Sul.

Palavras-chave: Migração; refúgio; Brasil; Oriente Médio; África; crise humanitária.

Resumen: *Este informe, elaborado por el Grupo de Trabajo sobre Migraciones, Refugio y Salud Global, propone un panorama de las noticias más recientes en el ámbito de la salud, la migración y el refugio en diversos territorios. Se abordará la cuestión de la respuesta a catástrofes climáticas en Brasil desde dos perspectivas: la actuación del ACNUR en la acogida de personas desplazadas durante la emergencia en Minas Gerais y la creación de un proyecto de preparación y respuesta a emergencias en Rio Grande do Sul liderado por la OIM. También se discutirá una actualización sobre la actual crisis en Oriente Medio y sus impactos en los flujos de personas en la región, en particular en Irán y Líbano, que han forzado el desplazamiento de millones de personas y han puesto bajo presión la infraestructura esencial de los países afectados debido al aumento de las demandas. Por último, se comentarán dos escenarios de crisis prolongadas en el continente africano: los refugiados congoleños en Burundi que regresan a sus hogares y el agravamiento de la situación humanitaria en Sudán y Sudán del Sur.*

Palabras clave: *Migración; refugio; Brasil; Oriente Medio; África; crisis humanitária.*

Abstract: *This report, organized by the Working Group on Migration, Refuge and Global Health, proposes an overview of the most recent news on health, migration and refuge in different territories. The issue of climate catastrophe response in Brazil will be addressed under two perspectives: the UNHCR response to forcibly displaced people during the Minas Gerais emergency and the development of a preparedness and response project in Rio Grande do Sul led by IOM. An update on the Middle East crisis and its impacts on the flow of people around the region will also be discussed, especially regarding Iran and Lebanon, where millions are forced to flee their homes and the essential infrastructure is put under pressure with rising demands. Finally, there will be a comment on the humanitarian situation of Congolese refugees in Burundi returning home and the Sudan and South Sudan crisis.*

Keywords: *Migration; refuge; Brazil; Middle East; Africa; humanitarian crisis.*

Brasil: Saúde, migrações e mudanças climáticas

Atuação do ACNUR no apoio a populações deslocadas por desastres climáticos em Minas Gerais: gestão do acolhimento e desafios do deslocamento interno

O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) atuou no estado de Minas Gerais, apoiando a população deslocada em razão das fortes chuvas que assolaram o estado no mês de março. Em parceria com o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS) e com autoridades locais, a agência integrou equipes multiprofissionais nas regiões afetadas, com o objetivo de apoiar a gestão e a coordenação de abrigos, a elaboração de instrumentos de acolhimento e a capacitação das equipes que atuaram durante o período de emergência[1].

A agência contribuiu com conhecimentos técnicos para o fortalecimento dos esforços locais de acolhimento e proteção, em alinhamento com as diretrizes e demandas definidas pelas autoridades estaduais. Entre as prioridades da atuação regional destacam-se o apoio à gestão e à organização dos fluxos nos abrigos, a identificação de possíveis pessoas refugiadas também deslocadas e o mapeamento das necessidades mais urgentes da população civil[1].

O ACNUR encerrou, no dia 13 de março, as atividades de suporte às pessoas deslocadas no estado de Minas Gerais. A equipe da agência realizou ações no território de Juiz de Fora (MG) e em municípios vizinhos, entre os dias 2 e 13 de março. Durante esse período, acompanhou o processo de abrigamento emergencial em escolas e o posterior encerramento seguro desses abrigos temporários, que foram substituídos pelo acolhimento em hotéis sociais. A agência atuou para assegurar que as famílias fossem assistidas com dignidade ao longo de todo o processo de desmobilização e realocação para os novos espaços[2].

Além disso, em conjunto com as equipes responsáveis pelos hotéis sociais, foram realizadas atividades de aconselhamento técnico voltadas à gestão do acolhimento, bem como apoio na análise das condições estruturais e na identificação de desafios operacionais desses espaços[2].

Ao todo, mais de 110 municípios mineiros decretaram situação de emergência ou calamidade pública em razão dos temporais. Conforme dados da Defesa Civil de Minas Gerais, o atual período chuvoso, iniciado em outubro de 2025, foi o mais letal dos últimos 20 anos, com cerca de 80 mortes registradas[2].

Diante dos recentes desastres causados por chuvas intensas e inundações em diferentes localidades do território brasileiro, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) esclareceu a utilização da terminologia internacional mais adequada para situações em que pessoas são obrigadas a deixar suas residências, mas permanecem dentro do território nacional. Cenários em que indivíduos ou famílias precisam abandonar suas casas em razão de desastres, violência ou outras circunstâncias graves, sem cruzar fronteiras internacionais, enquadram-se no conceito de deslocamento interno. Conforme os *Princípios Orientadores sobre Deslocamento Interno* (Organização das Nações Unidas, 1998), deslocados internos são pessoas forçadas ou obrigadas a fugir ou a abandonar suas casas, mas que permanecem dentro de seu próprio país[3].

No contexto dos eventos climáticos extremos registrados em Minas Gerais, é mais adequado utilizar as expressões *deslocamento interno por desastres* ou *deslocamento interno em razão de eventos climáticos extremos*. O termo *deslocamento interno por desastres* é recorrentemente utilizado pelo *Internal Displacement Monitoring Centre* (IDMC) e pelo sistema das Nações Unidas, contemplando deslocamentos decorrentes de inundações, deslizamentos, tempestades e outros eventos resultantes de forças naturais. Já a expressão *deslocamento interno em razão de eventos climáticos extremos* pode ser empregada quando se busca enfatizar a relação com o aumento da frequência e da intensidade de fenômenos associados às mudanças climáticas, conforme apontado pelo *Intergovernmental Panel on Climate Change* (IPCC)[3].

A utilização de terminologia adequada contribui para maior clareza conceitual, melhor monitoramento de dados e fortalecimento de políticas públicas voltadas à prevenção, à resposta e à busca de soluções duradouras para as pessoas afetadas por desastres, independentemente de sua nacionalidade ou de outras características sociodemográficas, como idade, gênero e renda familiar[3].

OIM lança projeto para fortalecer preparação e resposta a emergências no Sul do Brasil

No dia 10 de março, em Lajeado, a OIM lançou o projeto "Tchê Prepara" no Rio Grande do Sul com o objetivo de fortalecer as capacidades locais, promover a articulação intersetorial e a preparação e a resposta para emergências na região do Vale do Taquari.[4] O projeto foi desenvolvido em meio ao contexto dos desastres climáticos que atingem a região desde 2023, cuja resposta teve participação da OIM no apoio às famílias desabrigadas, e que evidenciou a necessidade de uma resposta mais robusta, ágil, eficiente e coordenada às emergências, com atenção especial às populações em vulnerabilidade.

O projeto foi desenhado em parceria com o Governo do Rio Grande do Sul, a Coordenadoria de Proteção da Defesa Civil e o Ministério Público do estado, com financiamento do setor privado através da plataforma RegeneraRS. Ele buscará a construção coletiva de planos participativos que envolvam a comunidade local e atendam às demandas específicas de cada território. Diante da intensificação da frequência e da sequência das catástrofes climáticas, em especial considerando as características geográficas do Rio Grande do Sul, a elaboração de um plano de adaptação permanente e que faça sentido com a realidade local torna-se fundamental.

Atualizações da crise no Oriente Médio

2,3 milhões de iranianos temporariamente deslocados

Entre 600 mil e um milhão de lares iranianos foram temporariamente deslocados dentro do país devido ao conflito, o que representa até 3,2 milhões de pessoas, segundo Ayaki Ito,

Diretor de Emergência do ACNUR em 12 de março.[5] A maioria das pessoas em deslocamento forçado sai de Teerã e outras áreas urbanas em direção às comunidades rurais e no norte do país buscando segurança. Chama a atenção a situação das famílias afegãs refugiadas no Irã, que se veem em situação de ainda maior vulnerabilidade. Já foi registrado, pela OIM[6], um aumento significativo do fluxo de pessoas entre Irã e Afeganistão, embora limitado devido às condições também precárias do país destino. Há também um crescimento significativo dos deslocamentos entre Irã e Paquistão, chegando a 6700 pessoas até 16 de março, através da fronteira de Taftan-Mirjaveh, das quais a maioria são paquistaneses retornando ao país de origem.

Deslocamentos no Líbano

Segundo o discurso de Karolina Billing, representante do ACNUR no Líbano[7], à coletiva de imprensa dada em 27 de março em Genebra, mais de um milhão de libaneses foram forçados a deixar seus lares – cerca de um em cada cinco residentes. Mais de 136 mil pessoas estão em 660 abrigos coletivos, os quais estão, em sua maioria, superlotados e enfrentam péssimas condições sanitárias e relatos de violências. Os abrigos, majoritariamente localizados em escolas, também não possuem as adaptações necessárias para acolher pessoas com deficiências.

Nas últimas semanas, os ataques israelenses atingiram Beirute, a capital do país. Além dos impactos diretos dos bombardeios, o cenário de insegurança extremo intensifica o desgaste psicológico daqueles nas regiões afetadas, em especial crianças. Além disso, diversas pontes que ligam áreas importantes na região sul do país foram destruídas, limitando a mobilidade de pessoas e recursos, inclusive a passagem de ajuda humanitária. O ACNUR relata a entrega de quase 200 mil itens de assistência emergencial aos abrigos e o apoio a mais de 27 mil pessoas, mas destaca que as ações necessitam ir além do emergencial e devem fortalecer os sistemas nacionais de proteção e assistência social para uma resposta mais eficiente e sustentável. A agência também destaca que os recursos que possuem hoje são insuficientes frente a magnitude alcançada pela crise e apelam por mais financiamento para assegurar a vida das pessoas em deslocamento.

O cenário da fronteira do Líbano com a Síria também é crítico: de acordo com a OIM[8], até 17 de março, 125 mil pessoas já haviam feito a travessia, sendo a maioria sírios retornando ao país de origem e apenas sete mil são libaneses; cerca de metade das pessoas registradas são crianças. Na última atualização destes dados, em 23 de março[6], somavam-se 130 mil pessoas vindas do Líbano e 82 mil atravessando as demais fronteiras da Síria, indicando o impacto regional e abrangente da crise. A infraestrutura da Síria é fragilizada por mais de uma década de crise humanitária e este novo fluxo aumenta a pressão sobre os serviços essenciais. Por volta de 21% das chegadas são destinadas à região de Ar-Raqqa, muitos à locais remotos sem acesso a água, alimentação ou oferta de serviços de saúde. Os demais deslocam-se a centros urbanos densamente populados, como Damasco, os quais também estão sob forte pressão. Em todo caso, as famílias chegam ao país com nenhum ou poucos recursos, sendo assim, necessitam urgentemente de assistência financeira, bem como abrigos, alimentos e serviços de saúde.

Crises prolongadas no continente africano

Retorno de congoleses do Burundi após reabertura de fronteiras

Cerca de um mês após a reabertura das fronteiras entre o Burundi e a República Democrática do Congo, em 23 de fevereiro, mais de 33 mil refugiados congoleses estão retornando a seu país de origem, segundo o ACNUR.[9] A maioria havia fugido no fim de 2025

devido a conflitos violentos com as forças armadas e grupos paramilitares. O retorno à RDC tornou-se um desejo de milhares de congoleses em especial devido às condições de vida no Burundi. 30% daqueles que estão retornando viviam no campo de refugiados de Busuma, que abriga cerca de 66 mil dos 109 mil refugiados congoleses no país, enfrentando superlotação, condições sanitárias precárias, falta de água, medicamentos e abrigo. Aproximadamente 4500 pessoas permanecem em trânsito aguardando a realocação para Busuma.

Contudo, as condições para o retorno são também frágeis devido à crise humanitária: a maioria das famílias retorna sem pertences e encontram suas casas saqueadas ou destruídas, sendo necessário abrigo, itens básicos, serviços de saúde e acesso à água e a saneamento básico para que retomem suas vidas. O ACNUR ressalta que a decisão de retorno dos refugiados deve ser respeitada e deve-se garantir que sejam voluntários, seguros e dignos. No entanto, para continuar assistindo aos congoleses refugiados e aos que estão retornando a seu país de origem, o ACNUR dispõe de apenas 34% dos recursos necessários, ainda mais baixo (20%) no caso da resposta do Burundi ao fluxo de refugiados, impondo desafios para assegurar a vida e a saúde desses indivíduos.

Situação do Sudão e Sudão do Sul

Segundo notícia recente da OIM[10], há grandes riscos da operação humanitária na crise do Sudão do Sul colapsar nas próximas semanas devido à falta de financiamento. O país é um dos mais afetados por deslocamentos, com quase dois milhões de pessoas em trânsito dentro das fronteiras de 10 milhões de pessoas necessitando apóio humanitário. O cenário de deslocamentos prolongados, insegurança alimentar, surtos de cólera e aumento da insegurança no país já colocam a população em situação de profunda vulnerabilidade. Projeta-se que um condado, Robkona County, alcance a fase 5 (extremamente crítica) de desnutrição entre abril e junho. Os campos para pessoas internamente deslocadas em Bentiu e Malakal servem há anos como último recurso para que famílias deslocadas devido a conflitos armados, enchentes e insegurança consigam abrigo. São 187 mil pessoas vivendo nos campos que já operam em superlotação.

Contudo, a falta de 6 milhões de dólares para o financiamento da resposta da OIM no território impactará a oferta de serviços essenciais como água limpa, saneamento básico e proteção para as enchentes, principalmente diante da temporada de chuvas que deve se iniciar nos próximos meses, aumentando o risco de inundação dos campos e impedindo que as pessoas abrigadas tenham o mínimo de condições para sobreviver. O risco para a saúde e segurança das pessoas seria imediato, gerando maior chance de surtos de doenças infecciosas e novos deslocamentos. É esperado que as cidades onde os campos estão localizados, com cerca de 554 mil habitantes, também sintam os impactos desse colapso. Embora a OIM destaque que alternativas e planos de longo-prazo estejam sendo desenvolvidos, é fundamental assegurar os serviços essenciais e emergenciais para garantir que as transições sejam seguras, ordenadas e voluntárias.

No país vizinho, Sudão, a Diretora-Geral da OIM se pronunciou sobre recentes ataques a equipamentos de saúde em East Darfur, que causaram a morte de dezenas de civis, incluindo crianças.[11] Amy Pope comenta que este ataque é parte de um conflito, que se estende por quase três anos e tornou o Sudão o local com a maior crise de deslocamentos forçado do mundo, profundamente marcado pela violência direcionada a comunidades étnicas e com níveis alarmantes de violência de gênero, em que ataques repetidos com uso de armas explosivas em áreas populadas destroem famílias e deixam a infraestrutura de serviços essenciais em ruínas.

Referências

1. ACNUR. *ACNUR atua em Minas Gerais em cooperação com o Governo e apoio às pessoas deslocadas pelas inundações e deslizamentos.* Disponível em: https://www.acnur.org/br/noticias/comunicados-imprensa/acnur-atua-em-minas-gerais-em-cooperacao-com-o-governo-e-apoio. Acesso em: 27 mar. 2026.

2. ACNUR. *ACNUR encerra atividades em resposta à emergência causada pelas chuvas em Minas Gerais*. Disponível em: https://www.acnur.org/br/noticias/notas-informativas/acnur-encerra-atividades-em-resposta-emergencia-causada-pelas-chuvas-em. Acesso em: 27 mar. 2026.

3. ACNUR. *Quando desastres forçam pessoas a deixar suas casas: o que significa deslocamento interno*. Disponível em: https://www.acnur.org/br/noticias/notas-informativas/deslocamento-interno-desastres-forcam-pessoas-deixar-lares. Acesso em: 27 mar. 2026.

4. OIM. *Tchê Prepara: OIM lança projeto para fortalecer preparação e resposta a emergências no Sul do Brasil***.** Porto Alegre, 17 mar. 2026. Disponível em: https://brazil.iom.int/pt-br/news/tche-prepara-oim-lanca-projeto-para-fortalecer-preparacao-e-resposta-emergencias-no-sul-do-brasil. Acesso em: 30 mar. 2026.

5. ACNUR. *UNHCR: Up to 3.2 million Iranians temporarily displaced in Iran as conflict intensifies.* Genebra, 12 mar. 2026. Disponível em: https://www.unhcr.org/news/press-releases/unhcr-3-2-million-iranians-temporarily-displaced-iran-conflict-intensifies. Acesso em: 30 mar. 2026.

6. OIM. *1M Displaced, 130K Cross Borders Amid Escalating Regional Conflict, New IOM Data.* Genebra, 24 mar. 2026. Disponível em: https://www.iom.int/news/1m-displaced-130k-cross-borders-amid-escalating-regional-conflict-new-iom-data. Acesso em: 30 mar. 2026.

7. ACNUR. *UNHCR calls for urgent support in Lebanon as humanitarian catastrophe looms.* Genebra, 27 mar. 2026. Disponível em: https://www.unhcr.org/news/briefing-notes/unhcr-calls-urgent-support-lebanon-humanitarian-catastrophe-looms. Acesso em: 30 mar. 2026.

8. OIM. *Over 125,000 Cross Syria Border from Lebanon, Half are Children.* Genebra, 18 mar. 2026. Disponível em: https://www.iom.int/news/over-125000-cross-syria-border-lebanon-half-are-children. Acesso em: 30 mar. 2026.

9. OIM. *Urgent support needed as 33,000 Congolese refugees return home from Burundi in a month.* Goma, 24 mar. 2026. Disponível em: https://www.unhcr.org/news/briefing-notes/urgent-support-needed-33-000-congolese-refugees-return-home-burundi-month. Acesso em: 30 mar. 2026.

10. OIM. *187,000 in South Sudan Risk Losing Life-Saving Services as USD 6 Million Funding Gap Looms.* Genebra, 19 mar. 2026. Disponível em: https://www.iom.int/news/187000-south-sudan-risk-losing-life-saving-services-usd-6-million-funding-gap-looms. Acesso em: 30 mar. 2026.

11. OIM. *IOM Chief Condemns Sudan Hospital Attack.* Genebra, 22 mar. 2026. Disponível em: https://www.iom.int/news/iom-chief-condemns-sudan-hospital-attack. Acesso em: 30 mar. 2026.